O melancólico, sua violência, o jeito com que se defende e a depressão que disso resulta: hipóteses para o tema da melancolia.

Suelena Werneck Pereira

Resumo:

Este texto trabalha com a melancolia e procura estabelecer os parâmetros metapsicológicos dessa afecção, considerada por muitos autores como o novo mal social. Seu principal fundamento é o das relações entre eu ideal e ideal de eu na produção da condição examinada. Questiona a atualidade do modelo da histeria como paradigma para a compreensão do melancólico e sua inserção na contemporaneidade.

O primeiro modelo teórico produzido por Freud, para a nova disciplina por ele criada, baseia-se numa primeira matriz clínica; essa se funda sobre o estudo da histeria e o próprio Freud afirma, posteriormente, que a histeria é o modelo de todas as neuroses. É, sem dúvida, sobre o modelo da histeria que começa a se construir a teoria psicanalítica. A matriz da histeria produz um determinado tipo de conceitualização que, nos primeiros momentos, se estende, para além das fronteiras do quadro psicopatológico, sobre o aparato psíquico como um todo. A histeria constituiu, sem dúvida, a grande referência freudiana. Este modelo vigora durante bastante tempo e começa a vacilar em 1920, com as idéias de automatismo da repetição e do trauma, alicerces do que se chamou a segunda teoria pulsional. Hoje, diante das novas patologias, como os casos-limite, as adições, as “depressões”, os distúrbios da alimentação – obesidade, anorexia, bulimia – perguntamos se esse modelo inicial continua servindo para que se compreendam as novas formas de adoecimento do homem contemporâneo, eminentemente narcísicas. Entre esses quadros, um dos de maior pregnância é o da melancolia, por muitos considerada como o novo mal social. Gostaria de considerar a melancolia como uma doença da identidade, onde um suporte identificatório falhado pode ser compreendido como a condição principal do adoecimento. Identidades cada vez mais voláteis levariam a uma cultura melancólica, a novos modos de padecimento psíquico e a novos laços sociais. Esses sofrimentos contemporâneos podem ser considerados como derivando de um capitalismo

de consumo somado a uma sociedade de controle, esse encontro resultando em patologias em que a compulsão é traço constante. Por isso o sujeito, levado a consumir a qualquer preço, usa a medicação como prótese para sustentar suas compulsões, marcas do adoecimento dessa sociedade. A sociedade de consumo esgota-se na busca obstinada do sucesso imediato, da boa forma instantânea, do prazer a todo custo, do culto dos objetos e do bem-estar perene e contínuo. O estado de depressão se acentua nesse momento, como a expressão de um cansaço de o sujeito tornar-se infinitamente ele mesmo, num mundo sem padrões definidos mas com altas exigências referidas à forma física e à performance, onde a exibição substitui a introspecção e os valores atribuídos a um mundo interno.

Uma situação clínica cada vez mais comum funcionou como disparador para esse texto: a grande frequência com que as frases “estou deprimido”, “o que eu tenho é depressão”, “acho que preciso ser medicado” são enunciadas. O que será que se quer dizer com depressão? É passo a indagar, se nada me é dito de muito esclarecedor, pelos sintomas que permitiriam diagnosticar um estado deprimido ou um quadro melancólico. Quase sempre estão ausentes e os termos deprimido, depressão, poderiam ser facilmente substituídos por triste, tristeza, desânimo. Mas parece que essas palavras não mais fazem parte do vocabulário, elas não são atuais e não justificariam buscar tratamento, geralmente medicamentoso. Hoje em dia assistimos a uma medicalização dos afetos: o sujeito não pode ser triste, menos ainda desanimado, um indivíduo assim não consome, não está afinado com a contemporaneidade e portanto tem de ser “curado”. Em nossos tempos, há uma naturalização da idéia de cura dos estados d’alma; há uma espécie de desafetivação dos vínculos do homem com seu mundo, os passionais são mal vistos, o controle dos sentimentos é almejado. Tudo menos sentir, nem que seja às custas das drogas, lícitas ou não. Não mais interessa a tessitura da alma, nem o tecido de que é feita cada subjetividade. Cabe aqui a pergunta sobre o que produz esse tipo de subjetividade, que modos de subjetivação têm como efeito esse sujeito, compulsivo, adicto, permanentemente endividado, sempre aquém da excelência que crê quererem dele. Estamos diante da constituição de uma identidade mais complexa que aquela que os problemas freudianos da

identificação poderiam alcançar. O lugar da psicanálise é afetado por essas mudanças, o mundo certamente não é mais o das histéricas de Freud.

Foi então que pensei em discriminar alguns aspectos dessa tonalidade afetiva tão comumente encontrada e procurei dizer isso no próprio título que escolhi para o trabalho. A tentativa seria a de diferenciar uma configuração, uma organização psíquica, de um estado afetivo, contemplando também o aspecto pulsional propriamente dito e os mecanismos de defesa utilizados. Melhor dizendo: gostaria de discernir entre a melancolia e o estado de tristeza difusa a que tão facilmente se dá o nome de depressão, dividindo a abordagem em quatro dimensões: uma dimensão propriamente estrutural, aquela que diz respeito a uma configuração, a uma organização psíquica, com seus pontos de fixação e seus modos de funcionamento, enfatizando a constituição das instâncias ideais; uma dimensão pulsional, apontando para a presença maciça e incontestável, na melancolia, desse derivado das pulsões de morte que é a violência, parente próximo da destrutividade, presente nos conflitos ambivalentes e sua marca indelével; uma dimensão dinâmica, em que examinaria o mecanismo arcaico de defesa que é o retorno ao próprio eu, ou volta sobre a pessoa própria, como diz Freud em “Pulsões e destinos de pulsão”, de 1915; e uma dimensão afetiva, comum ao melancólico e ao não melancólico, não bastando, por si, para definir uma organização psicopatológica. O estado afetivo que acomete o melancólico, quando toda ou quase toda a sua violência se volta contra ele mesmo e produz uma gigantesca ferida, por identificação com o objeto destruído, ferida esta por onde escoia a libido, fala de um sofrimento como resultado de um conjunto de fatores; esse sofrimento é exclusividade da melancolia e precisa ser diferenciado do sofrimento “comum” que faz parte da existência humana.

Desde muito cedo, Freud dedica-se a explicar uma modalidade de adoecimento psíquico a que designa pelo termo melancolia e faz questão de distingui-la da tristeza própria ao homem.

No Manuscrito B, chamado “A etiologia das neuroses”, Freud menciona, como terceira forma da neurose de angústia, “a depressão periódica, ataque de angústia que pode durar desde uma semana até alguns meses” e que, à diferença da melancolia genuína, “possui um vínculo, em aparência adequado a *ratio*, com um trauma psíquico”. Esta depressão periódica, se apresenta “sem

a anestesia psíquica que é característica da melancolia”. (FREUD, 1893, p. 222).

No Manuscrito E, de sua correspondência com Fliess, Freud atribui a afecção melancólica a um acúmulo de tensão sexual psíquica, em oposição ao acúmulo de tensão sexual física, que daria origem à neurose de angústia. (FREUD, 1894). Logo a seguir, no Manuscrito G, intitulado “Melancolia”, Freud retoma o tema e conclui que “o afeto correspondente à melancolia é o do luto, ou seja, a nostalgia por algo perdido. Por isso, talvez se trate na melancolia de uma perda, produzida dentro da vida pulsional”. E propõe partirmos da idéia que “a melancolia consistiria no luto pela perda da libido”. (FREUD, 1895, p. 240).

Mais adiante, sempre no Manuscrito G, e tendo recorrido ao “esquema sexual” para elucidar sua afirmação, Freud acrescenta que a melhor descrição para explicar os efeitos da melancolia seria a seguinte: inibição psíquica com empobrecimento pulsional {*Triebverarmung*}, e dor por isso. Propõe que se um “grupo sexual psíquico” perde muito intensamente magnitude de excitação, se forma um recolhimento dentro do psíquico, que “tem um efeito de sucção sobre as magnitudes contíguas de excitação”. Isso produz dor e, mediante uma “hemorragia interna”, nasce um empobrecimento de excitação que se manifesta nas outras pulsões e operações. “Como inibição, este recolhimento tem o mesmo efeito de uma ferida, analogamente à dor”. (FREUD, 1895, ps. 244/5)

Essa analogia com uma ferida reaparece em “Luto e melancolia”, reforçando a idéia de uma retomada de tema. “O complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta, atrai para si, a partir de todas as partes, energias de investimento (...) e esvazia o eu até o empobrecimento total” (FREUD, 1917, p. 250). Deparamo-nos, portanto, com uma perda no aparato psíquico, na organização libidinal, acompanhada de dor e inibição das funções.

Diante desses extratos, encontramos com uma descrição econômica da afecção sem, no entanto, nada dizermos sobre a dinâmica dos mecanismos mencionados. O que produz essa perda, esse empobrecimento, essa ferida? Qual seria, ou melhor, quais seriam os disparadores da condição melancólica? Aos poucos, e se seguirmos Freud em seus textos mais iniciais, começamos a entrar em contato com as operações que estão por trás desses acontecimentos

quantitativos. Novamente nos referindo a um Manuscrito, dessa vez o N, lemos que toda neurose implica impulsos hostis dirigidos aos pais; esses impulsos, recalçados em momentos de compaixão por eles, se exteriorizam através de recriminações, a que Freud dá o nome de melancolias. “A identificação que assim sobrevém não é outra coisa, como se vê, senão um modo de pensar”. (FREUD, 1897, p. 296).

Vemos aqui introduzida a idéia de identificação ligada à melancolia, um dos eixos possíveis para tentarmos mapear uma metapsicologia da afecção. Vemos também a identificação já ligada à noção de ambivalência: os impulsos hostis contra os pais vão criar conflito com os impulsos de amor pelos mesmos. O mecanismo da identificação também será amplamente trabalhado no texto metapsicológico sobre a melancolia e a ligação entre esta e a fase oral que, segundo sugestão de Abraham, estaria na base do mecanismo da identificação. O outro eixo de análise para a questão da melancolia é o conceito de narcisismo, profunda alteração ocorrida com a teoria libidinal, sobretudo no que esta diz respeito à gênese do eu.

Como sabemos, o conceito de eu abrange algumas significações nos momentos iniciais da teoria. É somente a partir do texto de 1914, intitulado “Narcisismo: uma introdução”, que o conceito de eu sofre uma radical reformulação, ao mesmo tempo em que, através do conceito de identificação, os limites entre o eu e o objeto se esbatem e a primeira oposição pulsional começa a ruir. É um bom cenário para a questão dos processos identificatórios, peça central para a condição melancólica. Se pensarmos o que se dá na constituição do eu e que recursos este vai utilizar para dar conta de possíveis falhas em sua gênese, talvez possamos estabelecer uma metapsicologia para a melancolia e uma diferenciação entre ela e os diferentes estados d’alma entristecidos, ou até mesmo deprimidos. Talvez nos sirvam de ponto de partida algumas formulações acerca do narcisismo feitas em momento mais tardio da obra freudiana.

Começamos pela idéia de um narcisismo primordial, absoluto, tal como postulado em “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1921, “O eu e o isso”, de 1923, e “O mal-estar na cultura”, de 1930. Refere-se Freud, com essa idéia de narcisismo, a um estado primitivo, inteiramente anobjetal, fechado em si mesmo, monádico, com total ausência de relação com o meio e completa

indiferenciação entre o eu e o isso. Este narcisismo designa, de fato, a vida intra-uterina, primeiro estado da vida propriamente dita, anterior, portanto, ao próprio nascimento, sem separação entre sujeito e mundo externo. Este estado, mítico, poderia ser considerado como o ponto para onde tende o sistema vivo, o organismo. Diante da perda dessa quietude absoluta, dessa ausência total de estímulos, este sistema começaria a funcionar e a tender ao reencontro desse estado perdido. Podemos imaginá-lo, num primeiríssimo momento, funcionando inteiramente por via reflexa, sem nenhuma intervenção de um psiquismo, posto que este ainda não existe – e não “preexiste”, sendo, portanto, “adquirido”. Como a ausência de estímulos caracteriza um estado de inércia, tendência absolutamente primordial de qualquer sistema vivo, posto que estável, segundo os fundamentos científicos adotados por Freud, o regresso a este narcisismo absoluto seria propriamente função da pulsão de morte pura, sem representação, anterior mesmo à fundação do psíquico. A tendência à inércia visaria o restabelecimento desse estado inicial, perdido ao nascer, de zero de excitação.

Entretanto, com o advento da vida, esse zero não mais é possível e as pulsões de morte, desde sempre ligadas por Eros, terão de se contentar com um funcionamento fusionado às pulsões de vida. A percepção de um mundo externo e o fato de a vida, uma vez instaurada, lutar por sua própria manutenção, terminam com esse estado de excitação zero e confrontam esse sistema com suas intensas estimulações. Nesse momento, ele teria bons critérios objetivos para distinguir um dentro de um fora. Não se trata aqui, ainda, de um “bom” e de um “mau”, são apenas limites corporais demarcados pelos estímulos. A corporeidade é suporte da vida, a imediatez dos sentidos é nosso balizamento originário e os usos do corpo indicam a maneira de se estar no mundo. A esse estado de coisas Freud dá, em “Pulsões e destinos de pulsão”, o nome de eu-realidade-primitivo: usando a musculatura e atuando inicialmente por via reflexa, este “eu” diz que “fora” é tudo aquilo de que pode fugir e “dentro” designa aquilo que é inevitável. Este eu-realidade do início “...distingue interior e exterior segundo um bom critério objetivo.” Nesse momento, o eu-sujeito “...coincide com o prazeroso, e o mundo externo, com o indiferente”. (FREUD, 1915, p. 130). Toda estimulação produz uma sensação desagradável porque, no mínimo, perturbadora da paz e, na tentativa, já

regressiva, de não viver tensões, esse eu (no sentido de si-mesmo-próprio, *Selbst*) se desinteressa desse mundo tão escandaloso. Vai tratar de descarregar a excitação trazida através de um funcionamento que Freud chamará de auto-erótico. Essa descarga já inclui Eros, como o nome mesmo diz, e, portanto, já não é mais a descarga total em direção ao zero de excitação. A inércia dá lugar à constância. Este eu originário, pré-psíquico, por assim dizer, apoiado numa aptidão do corpo, vai se interessar somente por si mesmo, do resto ele não quer nem saber. A exterioridade se faz perceber pela indiferença. Logo passará a ser considerada como estranha, alheia, má, a indiferença abre caminho para a desagradabilidade. O eu-realidade-primitivo é ostensivamente um eu corporal pois se constitui através de uma habilidade específica do corpo, de uma sua função, a musculatura.

Esse eu já se distingue de um não-eu, mas todo ele ainda é puro isso. Este eu/isso recebe estímulos do mundo interno, isto é, do si-mesmo-próprio, e esses estímulos também causam pressão, tensão, desprazer. E tem mais: desses estímulos é impossível escapar. Este eu originário, já buscando o prazer como sensação e começando a considerá-lo como um possível princípio, procura, para se defender, expulsar o que é desagradável e introduzir em si mesmo, incluir em seu domínio, o que é prazeroso, dispensador de boas sensações, desfazendo, assim, sua anterior objetividade e apagando, imaginariamente, a diferença estabelecida entre o eu e o não-eu. Ao dizer imaginariamente, introduz-se uma situação propriamente psíquica: esse é o momento em que surge o eu-puro-prazer que, do ponto de vista das relações eu/não-eu, corresponde à constituição de um eu ideal *{Ideal-Ich}*, primeira colocação libidinal a compreender um objeto. As pulsões, anteriormente independentes umas das outras e satisfazendo-se pelo modo auto-erótico, organizam-se em torno desse objeto primeiro, ao mesmo tempo em que propriamente o constituem; esse objeto é o eu, o eu ideal, primeiro assentamento libidinal. Esse eu ideal sente-se muito próximo ao isso e tenta corresponder às exigências deste, procurando reeditar o estado de narcisismo absoluto. Ele mesmo constitui-se através do que Freud designa pela expressão “uma nova ação psíquica”, no texto sobre o narcisismo (FREUD, 1915, p. 74), e podemos compreendê-lo como um recurso defensivo diante da invasão das excitações. Toda a constituição do aparelho psíquico é defensiva: sua primeira

tarefa é conter a excitação que aflui ao sistema. O aparelho psíquico se forma para que possa existir, para garantir a si mesmo a continuação de sua existência: daí a necessidade de contenção, para não ser nivelado, destruído, pela passagem das excitações. O narcisismo resultante dessa nova ação psíquica – a identificação originária, que constitui ao mesmo tempo sujeito e objeto – e que é o narcisismo primário (em oposição ao narcisismo secundário, examinado no mesmo texto), já representa uma tentativa de retorno a um estado anterior, esse sim o narcisismo absoluto de que falamos acima. Já que zero de excitação não mais é possível, diante do fenômeno da vida e sua urgência, que seja então uma situação imaginária de ausência de desprazer. Esse eu-puro-prazer é o mesmo eu ideal infantil, depositário de todas as perfeições e excelências exigidas pelo isso. Costuma-se dizer que o eu ideal é como o isso quer que o eu seja; e o isso não quer nem saber de impossibilidades, limites, adiamentos. O isso sente as exigências pulsionais como necessidades e seu único intento é descarregá-las. As excitações são intensas, bem mais do que esse sistema incipiente pode suportar, provocando efrações. A economia do sistema está extremamente perturbada e, para se defender dessa invasão, algo tem de ser feito: são os recalques originários, *Urverdrängungen*, assim mesmo, no plural, conforme o texto “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926.

O momento do eu-puro-prazer, ou eu ideal, é, portanto, o momento em que o indivíduo sai da exclusividade do funcionamento auto-erótico e, através da identificação originária, funda um eu propriamente psíquico, primeiro objeto das pulsões sexuais, antes completamente independentes umas das outras e cujo objeto, em geral, se confundia com a própria fonte pulsional. O eu ideal é uma estrutura, defensiva e narcísica, que tenta “negar” a exterioridade e a alteridade já percebidas, buscando retornar ao narcisismo absoluto, primitivo. Nesse momento, o melhor que esse eu consegue é instituir, imaginária e defensivamente, um narcisismo primário, diferente do absoluto, em que a separação, já registrada, é percebida como dolorosa. O eu ideal pode então ser visto como o primeiro recurso diante da perda do narcisismo absoluto: criado à imagem de um outro, resultado da captação amorosa de um corpo por um olhar, é o que se pode fazer diante da constatação da separação, da ausência de completude, da quebra da vivência oceânica do narcisismo

absoluto. O eu ideal constitui a primeira tentativa de representar a totalidade dos eus corporais, deixados pela passagem da excitação, simples marcas de impressões e sensações. São essas marcas que possibilitarão e fundamentarão a “nova ação psíquica”, mencionada no texto metapsicológico sobre o narcisismo. Conforme Freud já escreve no “Projeto de psicologia”, de 1895, o primeiro objeto, que é ao mesmo tempo objeto do amor, do ódio e único poder auxiliador, é parecido com o sujeito, "a saber, um próximo {*Nebenmensch*}”. Sobre o próximo, então, aprende o ser humano a discernir.

Ao se perceber ao mesmo tempo semelhante e dessemelhante a esse objeto, no qual reconhece aquilo que já vivenciou, o sujeito abre caminho para a construção de uma identidade. O olhar desse objeto o certifica também de que está sendo reconhecido, em sua totalidade, como um semelhante, um próximo. Dessa forma, uma imagem se oferece como modelo originário de identificação.

Se esse eu ideal se forma sem maiores perturbações, nele se assentará a posterior questão relativa à separação e à castração. Ele será a base do ideal do eu {*Ichideal*}, estrutura que virá a substituí-lo, incluindo-o, no caminho da aceitação da realidade. Talvez resida na conformação do eu ideal o devir das afecções melancólicas. Tem-se a impressão de que esse narcisismo primário, não tendo sido bem construído, tem que ser constantemente reconstituído, frágeis que são seus alicerces. Esse eu ideal se conforma mas apresenta problemas; é diferente do que ocorre nas psicoses, em que sua fragilidade é tamanha que, diante de uma maré alta de libido, ele se fragmenta. É um eu ideal que apresenta brechas em sua constituição, ao nível mesmo do narcisismo primário. É um eu meio vazio, opaco, um espaço a preencher constantemente, sem consistência porque lhe falta certo conteúdo. O conflito melancólico se dá num registro essencialmente narcísico, é uma vicissitude do eu e coloca em realce a parceria entre eu ideal e ideal do eu.

A hipótese é basicamente essa: que na melancolia, estamos diante de uma falha na constituição do eu ideal, de um “defeito” inestimável no nível do narcisismo primário, de uma incompletude narcísica fundamental, que marcará esse início e o devir desse sujeito. Esse fato resulta numa posterior questão relativa ao ideal do eu: “apoiado” num eu ideal deficiente, ele mal que mal conseguirá se estruturar, destinando-se a agruras e dissabores. O eu ideal vai

ser o responsável por proteger esse sujeito que se forma da dor do desvalimento e assegurar o amor do outro por ele, preenchidas as condições de idealidade. É produzido pelo investimento narcísico de um outro sujeito, para quem esse sujeito-a-ser é o objeto idealizado, responsável imaginariamente por realizar suas aspirações à excelência perdida. Correlata a esse investimento, a nova ação psíquica reúne as semelhanças até então esparsas. É a mágica do olhar desse outro, que espera maravilhas desse sujeito, que envolverá em um envelope imaginário os eus antes tão propensos e capazes de avaliações objetivas da realidade. Esse olhar maravilhado e exigente possibilita a esse objeto ser e, ao mesmo tempo, joga em seus ombros o terrível fardo de não falhar, na melhor das hipóteses. O sujeito, sob a forma inicial de um eu ideal, se forma na troca de olhares de amor: do narcisismo desse outro que o identifica como seu amor, ensinando-lhe o caminho da identificação. O sujeito se identifica com aquele que o identifica como seu maravilhoso e perfeito amor. A hipótese é que quanto mais essencial e predominantemente narcísico for esse investimento, quanto menos objetal for essa escolha de objeto, menor a possibilidade de ser suportada a imperfeição. Esse outro que institui o eu ideal busca nele um objeto totalmente idealizado, para compor uma ilusão de completude e perfeição, ilusão essa que deve e precisa ser mantida a todo custo. Esse eu ideal/eu real assim construído se verá presa dessa idealização. O que nos conduz à frente, como uma referência, na busca de um ideal do eu que substitua o eu ideal, é precisamente o impossível do ideal. Quanto maior e mais exclusivo for o investimento narcísico do outro sobre esse sujeito/objeto de amor, maior a exigência da perfeição; quanto maior a parcela de amor objetal propriamente dito, melhor a aceitação das falhas e mais fácil será virar as costas ao eu ideal e caminhar no sentido de um ideal do eu.

Acontece um jogo mortífero entre sujeito e objeto/sujeito. A relação é verdadeiramente especular: o sujeito busca em seu objeto semelhanças consigo próprio, uma imagem glorificada de si, uma espécie de edição melhorada. Para que se mantenha a tênue separação entre sujeito e objeto, impõe-se a idealidade deste, condição *sine qua non* para a idealidade do próprio sujeito. Cola-se a esse objeto uma imagem inteiramente ideal. Nada menos que esse ideal pode ser aceito devido à excessiva exigência narcísica

do outro, às voltas com sua dificuldade com a castração. Quando o objeto se mostra como na realidade é, desiludindo o sujeito, essa frágil separação desaparece e as duas imagens novamente se fundem. Aquilo que do objeto se esbate sobre o eu, confundindo-se com este pela identificação melancólica, é o objeto defeituoso, inaceitável por ser como é, bem menos que a perfeição demandada. A sombra do objeto faz-se sobre o eu; a perda na melancolia é de natureza ideal. É produzida dentro da vida pulsional, circunscreve-se aos domínios do eu; e a perda do objeto vai ser indefinidamente assinalada, há um remanejamento sem fim da economia libidinal. O objeto danificado marcará para sempre o eu com sua presença e o melancólico tentará lidar com isso através de uma constante renúncia desvitalizada. O excesso de exigência impedirá a negociação: é um jogo de tudo ou nada. O melancólico será capaz de pouca atividade de fantasmática: a perda em seu ideal causa um dano irreparável porque é absoluta. Não é possível contemporizar, fantasiar, representar essa realidade. Na ausência da relativização, a subjetividade que se constitui é exterior ao sujeito, não chega a se criar um ser para si-mesmo. O que verificamos nas patologias atuais, e sobretudo nos quadros melancólicos, é a ausência de um referencial interno, o ser para o outro não tem o efeito de produzir o ser para si. O que esse sujeito demanda não é mais o amor mas o reconhecimento.

Minha hipótese é que devemos entender em que condição se formou o ideal do eu e quanto do eu ideal ele inclui. A idealidade perdida na melancolia não está apenas referida ao ideal do eu e à distância que existe entre ele e o real eu do sujeito, o que caracterizaria simplesmente um quadro neurótico. O objeto cuja sombra recai sobre o eu do melancólico é um objeto ideal, produzido pela troca inicial de olhares apaixonados. Mas é aqui um trágico enamoramento. Sabemos a diferença que existe entre identificação e enamoramento; Freud nos diz que na identificação, o eu incorpora o objeto. Sabemos que é através da identificação originária que o eu se funda e que é por meio das identificações primárias subsequentes, para as quais a originária abriu caminho e serviu de matriz, que esse eu vai se estruturando e tomando de seus objetos-modelo os significantes necessários. Opondo identificação e enamoramento, Freud afirma que neste o objeto devora o eu, esvaziando-o de sua libido narcísica, chegando a “possuir todo o amor de si mesmo do eu”.

(FREUD, 1921, p. 107) No enamoramento, o objeto é tratado como o eu próprio e, por consumir a libido narcísica, passa por uma forte idealização. O objeto serve então para substituir um ideal do eu próprio, não alcançado, constituindo-se, pois, numa escolha eminentemente narcísica. Contemporaneamente a esta “entrega” do eu ao objeto, falham inteiramente as funções que recaem sobre o ideal do eu. Na identificação, o eu se enriquece com as propriedades do objeto, introjetando-o; no enamoramento, o eu se empobrece. Entregando-se ao objeto, concede-lhe o lugar de seu ingrediente mais importante, o ideal do eu.

Como vemos, aqui se trata da substituição do próprio ideal do eu pelo objeto. Proponho pensar no que chamei de um trágico enamoramento: o objeto vai ocupar não o ideal do eu mas o eu ideal do sujeito. No caso do melancólico, o olhar de amor que a mãe lança exige que o filho ocupe o lugar de seu remanescente eu ideal, fortemente instalado em seu ideal do eu. O que ela lhe pede não é apenas a satisfação desse ideal, das maravilhas narcísicas que ela sabe ter perdido. O que ela demanda é que esse filho vá mais longe, trazendo-lhe de volta o eu ideal perdido da infância. Em vez de querer que seu filho seja o mais poderoso, o mais belo, o mais rico, o mais inteligente, procurando nele seu ideal do eu, a mãe do melancólico pede que seu filho seja imortal, onipotente, infinito, ou seja, que possua os requisitos que um dia pertenceram a seu eu ideal, que lhe traga de volta a completude perdida. A súplica que ela lhe dirige através desse olhar louco de amor e inteiramente paralisador é que ele lhe permita sonhar com o narcisismo absoluto. E ele lhe responderá com a mesma moeda: passará a exigir de seu objeto ideal exatamente o mesmo. Aquilo que recai sobre o sujeito melancólico é a sombra desse olhar, tão sedutor e mortífero. O objeto do melancólico é um objeto desde sempre perdido, perdido em si, independente de qualquer acontecimento. Suas escolhas são pesadamente narcísicas, intensamente apaixonadas. Uma suspeita de suas insuficiências lançará esse sujeito no torvelinho da mais trágica das paixões: a de renunciar à vida por se sentir impróprio para tarefa tão espetacular. Todo o esforço do melancólico consiste em tentar manter, a duras penas e às expensas da totalidade de sua vida psíquica, seu objeto – e si mesmo – na esfera da idealidade, tão frágil quanto enganosa. Nessa tentativa, vale quase tudo: incessantes retificações do corpo, toda sorte de

adições, avassaladoras paixões. O melancólico mantém obstinadamente sua fortaleza narcísica: se for necessário abrir mão dela, abre mão de sua própria vida. O eu se esvazia de libido pela ferida deixada por seu eu ideal. A idéia de esvaziamento é retomada na hipótese do apaixonamento e somente uma paixão mortífera é capaz de deixar atrás de si tal ferida narcísica, por onde escorre a libido do melancólico. Por mais que ele tente tapar esse escoadouro libidinal, tudo o que consegue é abrir cada vez mais o rombo por onde sua vida se esvai. Esse diabólico objeto ideal se cola ao seu eu, empalidecendo-o. Mas parece necessário mantê-lo porque se descolar dele abre para o sujeito a realidade da castração, coisa difícil de considerar. Esse outro que lhe trouxe o sopro da vida viu nele a única possibilidade de manter sua castração fora de cogitação. E o melancólico repete, em si, esse mesmo destino.

Até agora, e tendo me alongado demais, não mencionei a questão pulsional propriamente, a dimensão que trata da violência e da dinâmica da ambivalência. Diferentemente do obsessivo, onde tanto a ambivalência quanto os derivados das pulsões de morte também têm papel preponderante, na melancolia esses fatores atuam em um outro modo de relação de objeto, em um outro esquema de satisfação. O que está em jogo no melancólico é a destruição do objeto, de acordo com sua importante fixação na fase oral do desenvolvimento psicosexual. Se o que a mescla pulsional visa é destruir o objeto, podemos considerar que o que está sendo buscado é o anulamento da diferença sujeito/objeto, o que se coaduna com as hipóteses anteriores do narcisismo e do eu ideal. A ambivalência aqui se expressa no haver ou não haver objeto. O estatuto do objeto está sendo o tempo todo posto em questão porque o que a pulsão visa é borrar a separação eu/mundo externo, sujeito/objeto. Ao incorporar o objeto, segundo o modo de satisfação oral, o que se obtém é o aniquilamento do mesmo; na melancolia, ficam assim excluídas a ambivalência e a culpa que dela pode derivar.

Este é um momento da estruturação do aparato em que se luta desesperadamente contra a evidência e o incômodo que o objeto traz. Há um movimento de restauração e o que nesse momento se tenta é recuperar o narcisismo absoluto perdido ao aparecer o objeto; a defesa do aparelho quer fazê-lo desaparecer, mas com vantagens para si: ao incorporá-lo, quer manter dentro de si suas qualidades, introjetá-lo. Paradoxalmente, sabemos, com

Freud, que os vínculos de objeto do melancólico são intensíssimos e, ao mesmo tempo, pouco resistentes. Isto quer dizer que esses laços com o objeto, apesar de intensos, não permanecem como tal diante de uma frustração {*Versagung*}. Os investimentos objetivos rapidamente retornam à condição de investimento narcísico, isto é, vão para o eu, onde servirão a uma tarefa específica, que é a identificação do eu com o objeto. O melancólico “engole” seu objeto, quando ele se revela, finalmente, perdido, e se confunde com ele, restaurando, imaginariamente, uma não-separação eu/não-eu. Seus investimentos objetivos são pouquíssimo resistentes ao refluxo narcísico comum a todas as frustrações mas não voltam a investir objetos, da fantasia, relativos à realidade ou incestuosos, como o faz o neurótico. Esse aspecto é distintivo da condição melancólica.

A ambivalência, presente desde o início, tanto nos investimentos objetivos quanto nas identificações, nos lembra Freud, é outro aspecto que nos permite discernir a melancolia de outros estados afetivos em que o que predomina é um sentimento de tristeza. O objeto perdido do melancólico é um objeto destruído por sua própria violência. Como o melancólico apresenta importantíssimas fixações na fase oral, sua ambivalência é marcada pelo canibalismo: incorpora o objeto destruindo-o e, por ser esse objeto amado, instala-se aí o conflito. A interiorização de uma relação intersubjetiva se transforma numa questão intra-subjetiva. O conflito com o objeto, amado e destruído porque também odiado, tem uma solução oral e o que antes era objeto agora se torna parte do eu. A fúria destrutiva do melancólico volta-se agora contra si mesmo; o melancólico engole o objeto e o objeto o devora. O que corresponde à incorporação oral, em termos de assentamento pulsional, é exatamente o primeiro momento do narcisismo. O objeto, por não ser inteiramente bom, esplêndido, é para ser destruído; passa a ser completamente ruim e perde sua própria objetividade, se transformando numa parte do próprio eu. A insuportabilidade diante das falhas de seu objeto – até mesmo a constatação da ambivalência em relação a ele – faz com que esse objeto não valha mais a pena.

E o que poderíamos dizer acerca de um novo modo de estar no mundo, característico da contemporaneidade e onde a melancolia surge com grande insistência como uma das novas modalidades de sofrimento humano? Talvez

sublinhar o componente narcísico das novas afecções, em que o olhar do outro se torna cada vez mais pregnante para o sujeito, como se contivesse um estatuto de verdade e de sustentação para sua fragilidade. Vemos o corpo como último registro da individualidade e o narcisismo baseado eminentemente na concretude dos corpos, do corpo próprio. O sujeito passa a ser aquilo que o outro diz que ele é, ou melhor, que ele deve ser ou parecer ser. Nenhum esforço é suficiente nesse exercício de retificação dos corpos e das almas a fim de garantir a aprovação do outro, garantia de sua própria existência. As questões sociais são outras, em suma, o mundo mudou; ou a psicanálise produz outro modelo de compreensão do psiquismo humano ou será, em breve, uma prática obsoleta e uma teoria defasada com a nova realidade. Acredito fazer-se necessária a delimitação metapsicológica dessas afecções contemporâneas e sobretudo resistir à medicalização do sofrimento humano, à ortopedia do corpo, ao adestramento dos afetos. E procurar descobrir de que forma a psicanálise pode contribuir para uma reflexão sobre o social, pensando o sujeito a partir da história e de práticas sociais concretas.

Referências bibliográficas:

- FREUD, S. (1991) *Obras completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores.
- “Manuscrito B. La etiología de las neurosis”, v. I.
- “Manuscrito E. Cómo se genera la angustia?”, v. I.
- (1950 [1895]) “Proyecto de psicología”, v. I.
- (1895) “Manuscrito G. Melancolía”, v. I.
- (1897) “Manuscrito N. [Anotaciones III]”, v. I.
- (1914) “Introducción del narcisismo”, v. XIV.
- (1915) “Pulsiones y destinos de pulsión”, v. XIV.
- (1917 [1915]) “Duelo y melancolía”, v. XIV
- (1921) “Psicología de las masas y análisis del yo”, v. XVIII.
- (1923) “El yo y el ello”, v. XIX.
- (1926 [1925]) “Inhibición, síntoma y angustia”, v. XX.
- (1930 [1929]) “El malestar en la cultura”. V. XXI.